

DIATRIBE SOBRE O LIVRO 'LAVAGEM CEREBRAL'

English Title: A RANT ABOUT THE BOOK 'BRAINWASHING'

 DOI NUMBER: 10.33726/akedia2447-7656v18a122026p40a48

PESSOA, Marcelo¹ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: Este ensaio apresenta ao leitor uma série de questionamentos sobre o estado da arte universitário, propondo uma séria reflexão sobre os rumos desta instituição em âmbito global. Justifica a escrita deste ensaio, o sancionamento da Lei nº 15.468/2026, diploma legal que alterou dispositivos da LDB 9394/96, autorizando / determinando que se realizem aulas de 'educação política' e de 'direitos da cidadania' nas escolas. O principal aporte bibliográfico utilizado, é o livro **Lavagem Cerebral** (Shapiro, 2020). O objetivo principal do texto, incide em estabelecer paralelos entre a práxis acadêmica norte-americana e a brasileira. Como resultados alcançados, pomos em destaque, o fato de que, neste cotejamento, muito do que Shapiro disse sobre a Universidade americana, se sobrepõe, sem muito esforço, ao contexto acadêmico no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Lavagem cerebral, universidade, ensino

ABSTRACT: This essay presents the reader with a series of questions about the state of higher education, proposing a serious reflection on the direction of this institution on a global scale. The rationale for writing this essay is the enactment of Law No. 15,468/2026, a legal statute that amended provisions of the LDB 9394/96, authorizing and mandating that classes on “political education” and “citizenship rights” be held in schools. The primary bibliographic source used is the book *Brainwashing* (Shapiro, 2020). The main objective of this text is to draw parallels between American and Brazilian academic practices. Among the findings, we highlight the fact that, in this comparison, much of what Shapiro said about American universities readily applies to the academic context in Brazil.

KEYWORDS: Brainwashing, university, education

¹ Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Doutor em Letras, Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa doutoral desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

É curioso o comportamento revolucionário que ostentamos na juventude. Quando somos crianças, olhamos para o mundo e ele nos parece gigante, o tempo nos parece eterno. E, o Universo, sequer existe em nossa mente infantil.

Daí, crescemos, viramos adolescentes, conhecemos a natureza do Universo e passamos a duvidar daquele tamanho todo do mundo. O tempo, nesta fase, perde seu status de majestade eterna, ainda que continue a passar muito lentamente. Lento, é claro, se colocado sob a perspectiva de um adolescente, que deseja imensamente e sem freios, chegar logo aos 18 anos de idade. Quando ultrapassamos esse marco etário, vemos que nossas pequenas revoluções sobre espaço-tempo, sequer resistiram a míseras duas décadas – todas elas ruíram. Chegamos assim, às migalhas e finalmente, aos domínios da vida adulta. E agora?

Bom, primeiro, o mundo de hoje, na era digital, ficou muito pequeno, e literalmente cabe na palma de nossa mão. O tempo, para essa nossa versão adulta, se não é mais eterno, ainda continua uma barreira invisível, que serve para separar simbolicamente as crianças tiktokers dançarinas, dos idosos de 40 anos de idade, tecnofóbicos. E, pra nós, e só isso mesmo, pois dividimos o tempo, hoje, em dois momentos – um, quando estamos teclando ou scrolando, outro momento, quando entendiados por estarmos longe das redes – vide o documentário, **O dilema das redes**, NETFLIX, 2020!

E, o Universo, o que aconteceu com esse bom velhinho? Bom, este senhor aí, perambula em nossa mente, como uma espécie de fantasma, cuja assombração nos perturba, todas as vezes que temos que imaginar o que estamos fazendo aqui, de onde viemos e, para aonde vamos, quando tudo aqui terminar, após o nosso último suspiro consciente de ar. Ah, o Universo, também, nos parece um bom lugar pra fugir, quando temos boletos a pagar, ou assumir responsabilidades, arcar com consequências.

Por enquanto, entre uma idade e outra, enquanto descobrimos que nossos heróis morrem de overdose, enquanto vemos os nossos inimigos tomando o poder, faço, neste breve texto, um recorte de um momento bem recorrente da história humana: a presença jovem na Universidade.

Adotando por fundamento, o discurso narrativo e, até certo ponto, documentarista, do livro **Lavagem cerebral – como as universidades doutrina a juventude**, de Ben Shapiro (Shapiro, 2020), dedicamos algumas reflexões sobre as linhas deste polêmico livro, misturando o teor ensaístico ao resenhista, aplico a interpretação da obra de Shapiro ao contexto brasileiro, fazendo incidir esta sobreposição, justamente no momento em que deixamos de ser crianças, estamos entrando para a vida adulta, e, por diversas razões, ávidos por conhecer ainda mais sobre o que nos cerca, ambigualmente ficamos muito à mercê de manipulações e sujeitos, inconscientemente, às lavagens cerebrais que nos espreitam.

Este exame se justifica, sobretudo face ao sancionamento da Lei nº 15.468/2026, assinada por Lula, alterando dispositivos da LDB 9394/96, autorizando / determinando que se realizem aulas de ‘educação política’ e de ‘direitos da cidadania’ nas escolas. A questão zero que se levanta diante de nós é: quem ficará encarregado de ensinar tais conteúdos às crianças

e adolescentes? Não temos a resposta, mas, neste Ensaio, traçamos um perfil razoável de ‘como a coisa toda’ já está acontecendo.

Como este Ensaio é fruto de um único cotejamento reflexivo, envolvendo um só texto – o de Shapiro – aproveito o momento, para deixar, no final, algumas indicações de leituras complementares que, se não apareceram diretamente aqui citadas, certamente contribuíram, em silêncio, para as conjecturas realizadas ou implícitas ao longo do trecho. Dentre os Autores aos quais recorri para formular meu texto, destaco: ALLEN, Gary & ABRAHAM, Larry, 2021; CHESTERTON, G. K., 2013; DESMURGET, Michel, 2022; FISHER, Max, 2023; FIUZA, Guilherme, 2021; HICKS, Stephen R. C., 2021; MARSHALL, Tim, 2018; MATRHEZ, Albert, 2021; MATTE, Isabela, 2023; SHAPIRO, Ben, 2020; SCHWAB, Klaus & MALLERET, Thierry, 2023; e, SOWELL, Thomas, 2004.

AURORA DOS NOVOS TEMPOS

Os tempos contemporâneos são tão desafiadores quanto surpreendentes. Repentinamente, e precisamente falando, desde o final do ano de 2019, nos tornamos protagonistas de uma série de fenômenos socioculturais (Pandemia, *Great Reset*, ameaças bélicas) e, assim, nos percebemos imersos num emaranhado de crenças e expressões comportamentais.

A convicção interna que nutrimos sobre as mensagens e seus mensageiros, ao mesmo tempo em que se fortaleceram com o passar do tempo, visto que repetidos e consentidos pelos demais membros do grupo que as emitem, que as recebem, cada vez menos se parecem com algo que seja realmente nosso, adequado ao nosso melhor modelo de sociedade ou síncrono ao nosso tempo, fatos que, por sinal, somente nos autorizam a manter sobre eles, uma consciência crítica, e deles, uma distância cautelosa.

É assim, por exemplo, que assistimos estarrecidos os agentes sanitários globais “baterem cabeças” sobre a eficácia das medidas sanitárias durante a COVID-19, ou a malfadada e combatida origem chinesa do vírus e de suas inacabáveis cepas.

Igualmente, vemos os atores políticos se perderem na retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão, em 2021, escandalizando o mundo, de leste a oeste, desorientando o Ocidente, o Oriente, e tudo o que há entre uma e outra pétala da Rosa dos Ventos. Por óbvio, não estamos sendo testemunhas de uma bem sucedida estratégia diplomática na gestão das crises na África, no embate entre Rússia e a Ucrânia, desde o começo do ano de 2022. Igualmente, inábeis na condução do pós-atentado do Hamas contra Israel (07/10/2023), e da perigosa guerra total no Oriente Médio, protagonizada pelos EUA e pelo IRÃ.

E, não menos assombrados, passamos a conviver com homens e mulheres infantilizados, vivendo às custas de seus pais, avós, aos 40 anos de idade, condição que vem mal acompanhada de terminologias como ‘masculinidades tóxicas’, ‘feminilidades relativizadas’ por feminismos, masculismos e racismos controversos, em meio a um festival interminável de ideologias para todos os rótulos e gêneros, compatíveis para todos os formatos alternativos de família e de não família, cabendo nisso os humanos, os pós-humanos, os Therians, os Otherkins, e os Macacos do Projeto NIM (1973).

Portanto, não é por acaso e não antes de termos dado o devido tempo às coisas, é que já é hora de nos perguntarmos, como seres humanos, como cientistas, e não como mera plateia de um *reality show* bizarro: “o que está acontecendo com a sociedade civilizada?”.

Assim, para tentarmos apresentar respostas para esta e outras perguntas que vierem à tona durante nossa investigação sociocultural, é que oferecemos esta diatribe da obra *Lavagem Cerebral*, de Ben Shapiro.

O recorte narrativo que Shapiro realiza em seu texto de 2004, se detém ao âmbito universitário norte-americano. Esse microcosmo político, psíquico, antropológico, social e cultural, embora restrito a um público e a um país em particular, nos permite transpor as premissas e as conclusões que o autor entretece em sua escrita para outros segmentos étnico-populacionais. Por isso, o que viermos a ler abaixo, pode se parecer muito com o que acontece em nosso próprio país, em nossas Universidades.

Por isso, o impacto da lavagem cerebral, descrita e fundamentada por Ben Shapiro, na tradução que temos dela em nossas mãos, publicada em 2020, pode, indubitavelmente, ao mesmo tempo em que nos fala de algo que nos pareça distante, e, por similitude, pode nos parecer com algo muito nosso, estranhamente íntimo, e convenientemente varrida para baixo do tapete da sala de estar da história contemporânea.

E, também por isso, o discurso de Shapiro pode nos chocar, pelo teor simultâneo do sentimento de estranhamento – que coragem ele teve! – e de intimidade – tão distante, porém, nos parece algo tão nosso! – que seus apontamentos poderão, indiscretamente, ao mesmo tempo, iluminar algo dentro nós, e cegar o que vemos ao nosso redor.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM A UNIVERSIDADE?

Em função desta questão é que, às vezes, fico me perguntando, se um ambiente de produção e de difusão do conhecimento, como é o meio acadêmico, poderia funcionar como uma espécie de laboratório sociocultural. Isto é, se seria possível que, de dentro das universidades, saíssem, além de alunos formados nisto ou naquilo, livros, artigos científicos, propostas de remédios e de tecnologias diversas, de lá escapulissem comportamentos e práticas de pensamento que, ao invés de contribuir para o melhoramento da civilização, fizessem exatamente o contrário disso, isto é, difundissem vieses e revezes de como destruí-la?

O viés das universidades tem raízes históricas já profundas. Nos anos 1930, os conservadores alertavam sobre o radicalismo dos professores universitários que não parava de crescer. [...] As raízes vão ainda mais fundo. Desde o seu nascimento, o propósito da educação superior tem sido desafiar a estrutura de autoridade sob a bandeira da busca pela mente aberta. [...] Por vezes, quando a estrutura de autoridade promove libertinagem, imoralidade ou totalitarismo, surge aquele professor em seu valioso papel de recusar-se a submeter-se ao sistema, como na antiga União Soviética. Em outros momentos, quando a estrutura de autoridade é democrática, não totalitária e classicamente liberal, como nos Estados Unidos, os professores têm desafiado esta estrutura pregando a doutrina radical de esquerda. É esse último caso que tem se

levantado nas universidades dos dias atuais. Quando a sociedade abraça o capitalismo, as universidades desafiam o capitalismo (Shapiro, 2020, p. 237-238).

Logo, a partir desse diagnóstico inicial que Shapiro faz sobre a índole contemporânea das Universidades nos EUA, a resposta para nossa pergunta primeira, é ‘sim’ – é realmente possível imaginarmos que, ao invés de vanguarda, as Universidades tenham se comportado mais como retrógradas do que vanguardistas. Mas, indo além disto, podemos afirmar que é realmente possível que o ‘tiro’ científico da academia esteja saindo pela culatra da história?

Caro leitor, observando a recorrência desta conduta nas Universidades, postura esta manifesta, por intermédio de alguns de seus professores e alunos, não ficamos tentados a nos perguntar se tal comportamento não nos parece familiar na Universidade Brasileira? Vejamos esta pequena amostra descrita abaixo, e digamos se ela não nos guarda certa semelhança:

O professor esquerdista ensina que qualquer problema ambiental significa uma crise. O aquecimento global queimará todos nós. A exploração de petróleo no Alasca matará todos os cervos da Terra. O uso de pesticidas criará superinsetos gigantes que se rebelarão e dominarão o Planeta. A biotecnologia criará novos problemas ainda mais terríveis, como pessoas com nove braços (Shapiro, 2020, p. 107).

O corpo docente de esquerda pensa que sem o homem o mundo seria um glorioso Jardim do Éden. Não haveria aquecimento global. Sem a presença de automóveis. Não existiria combustível. [...] Os ambientalistas mais extremistas querem a destruição da humanidade como a conhecemos. Não são fanáticos raros ou difíceis de encontrar; basta dar uma olhada na universidade mais próxima (Shapiro, 2020, p. 123).

As Universidades, pelo tempo que existem em nossa sociedade, já não deveriam ser bem mais amadurecidas do que isso? Quer dizer, as Universidades, segundo o que Shapiro atesta, não se assemelhariam a adolescentes tardios, sempre se posicionando do lado contrário que os demais ao seu redor estão fazendo ‘birrinha’ ou somente marcando uma posição desafiadora diante do sistema que, segundo os ‘birrentinhos’, trata-se de um comportamento necessário, revolucionário, tudo para depor um *establishment* que sempre esteve e sempre estará errado?

Bom, se concordam minimamente com este aforismo caricato, aconselho a continuidade desta leitura, mas, caso discordem, fiquem à vontade para deixar de lado este texto. E, neste sentido, vou inserir, abaixo, uma imagem para facilitar a reflexão, enquanto pensam se continuarão ou não a ler esta diatribe:

Figura 1 – O que se ensina é um absurdo!



Fonte: Dados de pesquisa do Autor

Assim, para aqueles que darão sequência à leitura, julgamos pertinente apresentarmos os tijolos que, segundo Ben Shapiro, compõem esse grotesco mural de dissonâncias cognitivas que tem se tornado as nossas Universidades, tijolos nos quais cremos, apesar de sabidamente serem absurdos (os grifos negritados abaixo são nossos, a fim de facilitar o acompanhamento de nosso leitor):

Assim, com seu livro *Lavagem Cerebral*, temos uma crítica sofisticada e com conhecimento de causa da universidade como instituição que viabiliza a **propaganda ideológica da visão de mundo esquerdista** e secular [...] confirmando nossos piores medos sobre a academia moderna. [...] Shapiro também documenta o chocante **louvor que o corpo docente confere aos desvios sexuais** e até mesmo suas **justificativas indefensáveis do terrorismo**. [...] a maioria dos professores [...] nem mesmo tem a boa vontade de apresentar uma **perspectiva equilibrada**. [...] a lavagem cerebral nos alunos transcende a sala de aula, alcançando **as mídias estudantis [...] que com muita frequência tornam-se instrumentos de doutrinação** por parte de professores esquerdistas. **A esquerda tem a capacidade de louvar a diversidade racial e étnica opondo-se deliberadamente à diversidade de pensamento**, considerando aceitáveis para disseminação unicamente as ideias esquerdistas (Shapiro, 2020, p. 11-12-13).

Shapiro, em seu texto, pontua, item após item, com nomes, endereços universitários, sites midiáticos, datas, tudo o que denuncia sobre este verdadeiro *apartheid* institucional que se ergueu silente dentro das Universidades, separando a civilização da ciência, juntando doutrinação à educação. É desta maneira que, segundo o autor, se solidificaram os tijolos que formaram e ainda formam a muralha histórica que distancia a Universidade da sociedade que a financia – e haveria como resolver este problema?

Retomada de verba. Tática proposta com frequência, consiste em movimentar a ala conservadora para que tire seu dinheiro das grandes universidades e exija um ensino mais justo e equilibrado como condição para reinvestir sua verba. Superficialmente falando, aparenta ser uma boa ideia, mas, em si mesma, faz pouco para mudar a política do sistema universitário. Por quê? Porque os esquerdistas e estrangeiros que injetam dinheiro por aqui simplesmente aproveitariam a brecha, aumentando o progressismo ainda mais na atmosfera universitária (Shapiro, 2020, p. 240).

Contudo, apesar da aparente inviabilidade de corte direto de recursos, é também relevante notarmos, que algumas fendas já se deixam notar pelas frestas abertas na parede. Obras como a de Ben perpassam em tais aberturas como fachos de luz, dando visibilidade para todos nós quanto à nocividade dos ingredientes de uma ‘visão esquerdista secular’:

Richard Sklar, professor da UCLA, chamou o socialismo de “excelente ideia”, e o ditador comunista Mao Tsé-Tung de “grande líder”. A implementação do socialismo resultou em mais mortes do que somadas todas as guerras internacionais do século XX (Shapiro, 2020, p. 48).

David Michael Smith, marxista declarado e professor com cargo vitalício na Universidade do Texas, chamou o capitalismo de “sistema baseado na exploração, na opressão, na dominação, no racismo e na guerra [...]”. Certo. E o socialismo é um sistema baseado em borboletas e flores bonitas e tolerância a todas as criaturas vivas (Shapiro, 2020, p. 51).

Indo além na dissecação desta *Lavagem Cerebral* de Shapiro, ressaltamos serem comuns na obra, os relatos de haver um certo ‘desequilíbrio intelectual no meio docente’: “Os professores esquerdistas costumam fazer um jogo semântico. Eles definem ‘racismo’ como a divisão entre ‘nós’ e ‘eles’ (Shapiro, 2020, p. 66). Entretanto, este descompasso, típico da irracionalidade de argumentos, verdadeiramente se revela diante de nossos olhos, quando vemos de qual lado ele realmente vem:

Na Oberlin College, o Departamento de História dá aos alunos a incrível oportunidade de fazer [um curso, intitulado] “Branços Insuportáveis: A Construção Social de uma Categoria Racial”. A descrição do curso diz que “Ao longo da história dos EUA, pessoas consideradas ‘brancas’ acumularam privilégios sociais, jurídicos e econômicos à custa daqueles que não são considerados brancos” (Shapiro, 2020, p. 69).

Noel Ignatiev, professor na Universidade de Harvard, identifica-se como um “abolicionista” que busca abolir o “ser branco”. “O povo branco deve cometer suicídio como povo branco [...] criatura miserável, petulante e subordinada transformar-se em um ser humano totalmente conectável, completamente desenvolvido, desconstruído” (Shapiro, 2020, p. 71).

A extinção da existência do outro, por mera postura de intolerância aos diferentes, não é um dos postulados fascistas? Não é um contrassenso alguém propor a hegemonia de um grupo, utilizando como princípio a eliminação dos outros? O que nosso leitor acha disso?

Um dos fascículos mais insanos deste cenário sociocultural correpetido pelas Universidades, como se tal fosse um belíssimo mantra comportamental, diz respeito às condutas sexuais dentro e fora das Universidades:

Na Universidade da Carolina do Norte, em Wilmington (UCNW), um grupo de alunos gays expôs várias de suas revistas, Queer Notes, na União Estudantil. O periódico continha a imagem pornográfica de um homem em pé, pelado, por trás de outro homem pelado, acariciando seu órgão genital. [...] A revista Queer Notes, assim como a TenPercent, é patrocinada com verba da mensalidade dos alunos e faz parte da “missão em prol da diversidade” [...]. Agora, mesmo que não fosse, alguém acredita mesmo que se deixassem um folheto evangélico na União Estudantil os alunos não enfrentariam algum tipo de sanção oficial? (Shapiro, 2020, p. 228).

No contexto brasileiro, é possível que muito dessa prática lasciva simplesmente passe despercebido pelos alunos, pelos pais e até pelos administradores da Universidades. Vejamos esse cartaz, de 2022:

Figura 2 – Cartaz UFRJ, 13/12/2022



Fonte: Dados de pesquisa do Autor

Depois da forte disseminação deste cartaz pelas redes sociais, houve entrevistas desmentindo a existência do cartaz (que ainda está online, em consulta no Google, em 24/07/2026). Negam, também, a existência do tal evento. Teve aluno sendo conduzido à Delegacia para depor, teve Diretor tendo que dar explicações. Verdade, mentira, tanto faz, o estrago já estava feito e a correlação com Shapiro (2020), inevitável).

Voltando à ideia da eliminação dos divergentes, vemos que seja bem provável que sim, quando lemos a seguir, a média do pensamento universitário norte-americano sobre a existência ou não de Deus:

Os professores de esquerda esperam construir uma torre intelectual que alcance os céus, para desafiar o próprio Deus. [...] Feito isso, então, passam a decretar julgamentos morais sobre toda a humanidade [...]. O desejo deles é destruir a moralidade bíblica e substituí-la por alguma outra moral de sua própria escolha. [...] Sem Deus, não existe certo ou errado, bem ou mal. Qualquer coisa serve. [...] É algo tremendo ter professores em volta para iluminar o aluno em direção à falta de propósito existencial. [...] John McCarthy, professor na Universidade Stanford, um dos maiores especialistas em Inteligência Artificial do país, acredita que “a evidência sobre a existência de um deus assemelha-se à evidência sobre a existência do lobisomem. Logo, sou ateu” (Shapiro, 2020, p. 125-126).

Quando Shapiro aborda a moralidade sensível que gira em torno de uma seara como a dos ‘desvios sexuais’, a bolha da dúvida que ainda possa restar sobre os fatos por ele narrados, explode. É horrível o que iremos ler, mas são eventos dos quais não podemos fugir, a fim de construirmos com fidelidade a cognição sociocultural desejada:

Durante a “revolução sexual” da década de 1960, os ambientes universitários eram como uma estufa para o comportamento sexual selvagem e imoral. Deitar-se com desconhecidos havia se tornado prática comum; o homossexualismo havia saído do armário; os alunos país a fora bradavam “faça amor, não faça guerra” [...]. Os professores esquerdistas os aplaudiam e, por vezes, chegavam a participar da diversão (Shapiro, 2020, p. 87).

Tempos depois, vejamos como ficaram as coisas:

No Instituto de Arte de São Francisco, o professor Tony Labat pediu que seus alunos produzissem uma peça. Certo aluno, Jonathan Yegge [...] pegou um voluntário e [...]. [...] Depois de amarrar e vendar seu pequeno ajudante, os dois começaram a fazer sexo oral e a defecar um no outro. “Trata-se de incentivar a noção de sexo gay, impelir a noção de consentimento, incentivar a noção daquilo que é perfeitamente permitido”, Yegge explicou. [...] A universidade reagiu ao incidente não demitindo o instrutor ou condenando a apresentação da peça, mas denunciando de forma agressiva o fato de que Yegge não tomou as devidas precauções durante o ato [...]. Aparentemente, não existe problema algum em fazer sexo oral e defecar na cavidade anal de alguém em

público, contanto que ambos estejam usando a devida proteção. [...] É possível que Yegge explique com mais conhecimento de causa a visão artística das universidades: “Eles dizem que você pode fazer o que quiser, desde que justifique por meio da arte” (Shapiro, 2020, p. 92-93).

E os professores, o que pensam de perversão sexual?

Muitos professores de esquerda justificam e até mesmo encorajam a pedofilia [...]. “Embora os americanos vejam com maus olhos o sexo intergeracional, esse vem sendo um ato lícito ou mesmo obrigatório em muitas culturas e períodos da história”, diz o professor Harris Mirkin, da Universidade do Missouri (Shapiro, 2020, p. 97). Mesmo assim, não existe “mal inerente na expressão sexual infantil” [...]. Aqueles que se opõem à pedofilia são motivados pela “ignorância deliberada e moralista”, afirma o professor John Money, da Universidade Johns Hopkins (Shapiro, 2020, p. 98). Alguns professores têm também perspectivas interessantes sobre a bestialidade. Não há problema nenhum, contanto que não seja cruel demais com o bichinho. [...] O mais estranho dos casos estranhos é o professor Peter Singer, da Universidade de Princeton, ter escrito para a Nerve Magazine, um texto no qual elogia a mais nobre das atividades humanas, a bestialidade (Shapiro, 2020, p. 99).

Tão assustadores quanto as justificativas dadas às práticas sexuais de algum modo pervertidas, o são aqueles argumentos docentes proferidos na direção da “defesa do terrorismo” sofrido pelos EUA – 2001:

No dia 11 de Setembro, Richard Berthold, professor da Universidade do Novo México, tomou a palavra para falar à sua classe sobre os eventos que surgiam na Costa Leste. “Qualquer um que bombardeie o Pentágono tem o meu voto” [...]. Não existe professor vivo que se iguale ao histórico antiamericano do professor Noam Chomsky, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). [...] Em sua obra, Chomsky é todo cuidadoso ao dizer que nada pode justificar os ataques de 11 de Setembro; ele, então, fazendo o caminho inverso, procede pra justifica-los. “A Corte Internacional de Justiça fez bem em condenar os Estados Unidos como estado terrorista”. [...] Os EUA são responsáveis pelo “terrorismo em massa [...] e continuam culpados até o presente” (Shapiro, 2020, p. 146).

Mas, se dentro do ambiente político, podemos encontrar um viés que seja ainda pior do que termos cidadãos nacionais depondo contra a integridade física e territorial dos próprios conterrâneos, é por que isso tudo se organiza como uma cortina de fumaça para encobrir outras intenções:

Em 02 de abril de 2003, John F. Kerry, candidato democrata à presidência, afirmou a uma multidão de democratas, em New Hampshire: “Carecemos agora não só de uma mudança em Saddam Hussein e no Iraque, mas precisamos também de uma transformação no regime dos Estados Unidos”. [...] Obviamente, esses professores

esquerdistas há muito tempo estão à frente de Kerry; eles insistem na “mudança do regime” americano desde as eleições de 2000. Com a guerra no Iraque, as críticas ao governo Bush atingiram outro patamar (Shapiro, 2020, p. 171).

Esta proposta cinzenta de ‘fogo amigo’ também aparece em nosso Brasil. O político e ex-Ministro, José Dirceu, já andou dizendo que o PT (Partido dos Trabalhadores), irá tomar o poder, o que, segundo Dirceu, é diferente de ganha-lo numa eleição. O Ministro Dias Toffoli, do STF (Supremo Tribunal Federal), em evento realizado em Portugal, em 16/11/2021, afirmou que o país vive um Semipresidencialismo – decretado por ninguém, votado por Congresso algum, porém, totalmente válido pelas vozes da cabeça dele.

Já, por sua vez, outros Ministros do próprio STF praticam, à revelia do desejo popular nas urnas, uma Juristocracia, legislando, criando Leis, revogando ou atribuindo atos ao Executivo, impondo condutas e agindo como verdadeiro tribunal de exceção, prendendo pessoas e mudando o regime político, seguindo os próprios interesses ou os de quem os indicou ao cargo vitalício no Supremo e noutras instâncias:

Foto 1: Deputado Federal Jair Bolsonaro, em 06/09/2018



Fonte: Dados de pesquisa do Autor

Michel Ballou, professor na Santa Rosa Junior College, propondo um exercício de escrita, “instigou seus alunos a pensarem sobre assassinar o Presidente Bush” (Shapiro, 2020, p. 180), e isso só não é pior do que foi o atentado praticado, contra o então candidato à Presidência do Brasil, o Deputado Federal Jair Bolsonaro, em 06/09/2018, na cidade de Juiz de Fora – MG (foto acima de minutos antes do atentado acontecer).

E, por último, e não menos importante que os demais tijolos, nos deparamos com o fenômeno dos Coletivos Universitários, ou como Shapiro os enuncia, as “Panelinhas Universitárias” (esta é a frase título do Ensaio 12 de seu livro): “Grupos estudantis são os

lobistas da universidade. Eles imprimem panfletos. Eles promovem protestos. Eles lamentam. Eles gritam. Eles lutam” (Shapiro, 2020, p. 221).

Sem perceberem, estes grupos são engolidos por uma série de discursos, mas, “por que aceitar tudo isso?”, pergunta-nos Shapiro:

Os professores defendem consistentemente a linha esquerdista, mas por que os alunos compam toda essa ideia? Por que não resistem aos esforços de doutrinação dos docentes universitários de esquerda? A resposta óbvia é a ingenuidade da juventude. A inocência dos alunos universitários os cega aos motivos escusos do corpo docente (Shapiro, 2020, p. 239).

É de tal modo sorrateira que atua a ‘engrenagem científica’ da ‘transformação dos alunos em massa de manobra’, que chegam a atuar sob a chancela da liberdade de expressão, cláusula pétrea nas constituições dos EUA e do Brasil, inclusive. Aqui, nos reatamos à justificativa de nossa escrita: a quem confiaremos o ensino de política e de cidadania às nossas crianças e jovens, a partir da nova Lei sancionada?

Não fiquei exatamente surpreso quando o conselho editorial do Daily Bruin e eu acabamos em lados opostos de um conflito. Afinal, esta era uma equipe editorial mais à esquerda que Karl Marx. [...] O Daily Bruin foi o primeiro jornal estudantil do país a endossar o cessar de investimento em Israel. [...] O mesmo grupo editorial incentiva os alunos a fazerem proselitismo por ações afirmativas. “Os alunos também podem educar comunidades quanto às formas como a ação afirmativa pode beneficiá-los – a despeito da raça, do sexo e da etnia. Ao longo das atividades de extensão e ações diretas, os alunos podem transformar a consciência de suas comunidades e educar outros quanto à necessidade de ação afirmativa” (Shapiro, 2020, p. 212-213).

Esse mecanismo de lavagem cerebral sociocultural adentra às mentes discentes, também por meio do atraente fomento à criação e manutenção dos coletivos universitários – os coletivos organizam festas, *shows*, são permissivos ao excesso quanto a quase tudo e têm instalações de aparência muito ‘jovial, tecnológica e descolada’. É fácil um calouro baixar a guarda diante de um grupo ou de um ambiente que se apresente assim, ‘tão legal’, e simultaneamente, tão ‘revolucionários’!

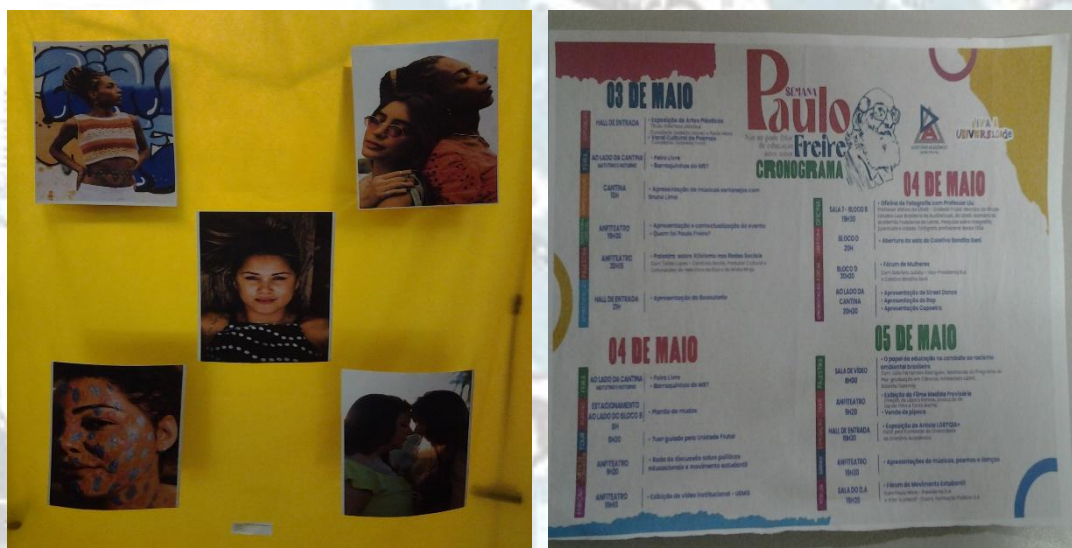
O ativismo racial, por exemplo, é um dos alvos preferidos dos coletivos universitários. Os integrantes dos grupos, contudo, sem sequer notar a sutileza das manipulações que reproduzem em suas condutas, visto que agem em nome de uma retórica de inclusão, praticam um ‘duplo-padrão’, expondo a acidez paradoxal da diversidade monolítica acadêmica que têm formatado o pensamento universitário contemporâneo:

A União Estudantil Africana (ASU) é uma união nacional, com escritórios na maioria das universidades. Esses escritórios não dependem um do outro para funcionar, mas o que têm em comum é o objetivo de separar os americanos negros de todos os outros americanos. [...] A ASU não é a única organização “africana” nas universidades.

Outra importante organização negra é a Associação Estudantil Africana (ASA). O propósito da ASA reflete perfeitamente o propósito da ASU: dividir o corpo discente (Shapiro, 2020, p. 222-223).

Noutra vertente de atuação dos coletivos, encontra-se a pauta de gênero, envolvendo toda a convenção representativa coberta pela sigla LGBTQIAPN2+. Na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, fizemos o registro disso:

Fotos e folder da ‘Semana Paulo Freire’, maio de 2023, UEMG – Frutal – MG



Fonte: Dados de Pesquisa do Autor

A adesão ou não a esta e outras pautas deveria ser voluntária, contudo, não é bem o que acontece na Universidade norte-americana e, talvez, também, no Brasil:

A Associação Gay e Lésbica (AGL) é outra organização nacional com bases locais pelo país. A constituição da AGL da Universidade Auburn afirma que o propósito é “fornecer apoio para pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgêneras, seus amigos e apoiadores [...] para educar a universidade e a comunidade sobre questões gays, lésbicas, bissexuais e transgêneras [...]”. Parece inofensivo na teoria. Na prática, a AGL e grupos como ela são bem mais perigosos. Eles procuram não apenas a tolerância, mas a aceitação. [...] O evento mais gritante da AGL é a “Semana Nacional de Sair do Armário” (National Coming Out Week), em que seus integrantes pedem ao corpo discente e docente que expressem seu “orgulho gay”. [...] Os homossexuais se horrorizam com quem não é promíscuo, com quem não quer tornar a sexualidade o baluarte de sua própria identidade (SHAPIRO, 2020, p. 226-227).

Há grupos que, inclusive, propõem políticas separatistas. O MEChA, é uma organização universitária que reúne estudantes normalmente fruto de migração mexicana. Dentre os seus principais anseios, não está, necessariamente, a evolução profissional ou alguma descoberta

científica de alta relevância para a sociedade – eles querem para si um pedaço dos EUA e tomar, para sua ‘causa’, os meios econômicos de produção:

Eles procuram retornar os estados da Califórnia, Novo México, Arizona, Nevada e Utah, que chamam de Aztlán, ao domínio mexicano. [...] Antes que o mundo fosse mundo, antes que existisse toda a América do Norte, antes de todos os nossos irmãos no continente marrom, nós somos uma nação, uma união de pueblos, povos livres; nós somos Aztlán. [...] Defenderemos as terras que por direito são nossas. Lutaremos por elas. A terra e a propriedade privada serão adquiridas pela comunidade para o conforto do povo. [...] Para os mais novos não haverá mais atos de delinquência juvenil, mas atos revolucionários (Shapiro, 2020, p. 229).

Não é realmente fofo isso? Como um jovem pode resistir a um apelo assim, tão singelo e tão revigorante? Vai espoliar, usurpar, invadir, ocupar, tomar para si o território de outros Estados, ‘capturar’ o patrimônio que é de outrem e não será jamais punido por isso. É quase igual à promessa que fazem aos santos mártires do Oriente Médio, dizendo a eles que, em nome da causa que defendem, se concordarem em explodir a si mesmos e a tudo o que estiver em volta, terão acesso a 70 virgens e terão seus nomes eternamente lembrados. E, por falarmos em extremistas:

Talvez o grupo estudantil mais extremo seja a Associação Estudantil Muçulmana (MSA). Eles têm financiado grupos terroristas por anos. De acordo com a agência de notícias Associated Press, em 22 de dezembro de 2001, “Organizações estudantis muçulmanas nas universidades têm abertamente arrecadado dinheiro para grupos cujos patrimônios foram congelados pelo governo americano por causa de supostas ligações terroristas [...]”. Altaf Husain, presidente da MSA, disse que sua organização não planeja parar com o levantamento de dinheiro para financiar vários grupos, a menos que autoridades federais tomem medidas severas (Shapiro, 2020, p. 231).

Em suma, prezados leitores, o que vemos em todos os apontamentos descritos por Ben Shapiro, desenham diante de nossos olhos um quadro de imagens opacas e desnutridas de qualquer substância sobre a Universidade norte-americana, sobre o comportamento de alguns de seus professores e o modo como estes podem interferir de modo mais ou menos contundente na formação dos jovens que passam pelos bancos acadêmicos norte-americanos:

No Condado de Cobb, Geórgia, o criacionismo é um tópico que tem bombado. O conselho escolar da região está tentando esclarecer sua política acerca do criacionismo nas escolas públicas. Os professores de esquerda estavam furiosos. David Jackson, professor na Universidade da Geórgia, afirma que, embora não diga aos alunos no que acreditar, deixa “claro que o Condado de Cobb age de forma evidentemente ilegal”. Norman Thomas, também professor na Universidade da Geórgia, é mais contundente: “Estamos lidando com ciência; não tratamos de assuntos anticientíficos.

Na minha opinião, o Estado precisa ditar ao Condado de Cobb o que pode e o que não pode entrar em sala de aula” (Shapiro, 2020, p. 132).

Vejam que, protegido pela palavra mágica ‘ciência’, o professor manifesta uma ‘opinião’ contrária ao que o Condado de Cobb permite aos docentes ensinarem em sala de aula. Não é um belíssimo caso clássico de duplo-padrão congênito?

Isto é, para atacar Cobb, o professor, que alega ter a ‘ciência como arma’, apresenta uma solução, para o que ele acredita ser um problema: a única coisa de que dispõe é de uma ‘opinião’, postura intelectual diametralmente oposta a qualquer ideia de ciência. E não é que gente assim, intelectualmente, no mínimo, enviesada, é que vai acabar ensinando política e cidadania nas escolas?

É um panorama lamentável de se conhecer, e igualmente triste de se reproduzir. Contudo, ao que todos os sinais indicam, as nossas Universidades podem, desde o mesmo período retomada por Shapiro (anos de 1930), ter iniciado, à sua imagem e semelhança, a esquerdização universitária no Brasil – o que nos coloca em perto de 100 anos de lavagem cerebral contínua, tempo suficiente para formatar um desastre.

É natural, portanto, que a experiência discente e docente que me formou, dê fortes testemunhos da ocorrência de quase tudo o que lemos no texto de Shapiro. E, em minha atuação como docente, é igualmente razoável que traga na memória muitos fenômenos semelhantes.

CONCLUSÕES

O papel deste trabalho foi o de fazer nosso leitor interagir com Ben Shapiro, como se dele fôssemos um espelho, rebatendo sinteticamente os fachos de suas luzes, dando-lhes acessibilidade substancial ao maior número de pessoas o quanto nos for possível fazer. Isto poderia ser feito de modo mais elegante e fora da cátedra acadêmica, contudo, a tarefa se agiganta diante de nós, visto que, do outro lado da fronteira:

O professor universitário geralmente não vê a necessidade de manter seu viés pessoal fora da sala de aula. [...] David Jordan, reitor da UCSD [Universidade da Califórnia, em San Diego], é mais contundente: “Por que eu deveria ensinar um ponto de vista com o qual não concordo?”. [...] Os alunos entram na universidade e “são atacados com o viés político do instante em que entram no campus até o momento que dele saem. O efeito é devastador (Shapiro, 2020, p. 16).

Que posicionamento interessante, o do professor David Jordan, não? A isenção intelectual deveria ser uma marca indelével da formação científica, ou não – o que vocês acham?

Está bem, não sejamos tão draconianos com ele. Vamos atribuir essa conduta ao coloquentinho do mero ‘deslize mental’ e não ao terreno da ‘má-fé institucionalizada’. Mas, ainda assim, mesmo com muito boa vontade nossa, não nos é possível crer que tais posturas seriam

até aceitáveis somente em fases prematuras da formação acadêmica. Portanto, incompreensíveis, quando partindo de um profissional adulto e de carreira consolidada. Logo:

Não podemos subestimar esse problema. Os americanos, homens e mulheres, entram na universidade com o intuito de aprender, e saem de lá reconhecendo um só lado da história. Aqueles que protestam contra o domínio totalitário do pensamento esquerdista são calados (Shapiro, 2020, p. 18).

Calados com censura, prisão, exílio, uns, ou silenciados para sempre, como Charles James Kirk, ativista político de direita, empreendedor e personalidade da mídia americana, morto no campus da Universidade de Utah Valley, em 10/09/2025.

Ou seja, a imparcialidade científica e o interesse social nitidamente se separam nessa mente infantilizada e enviesada por frivolidades pessoais, por meio de um dos tijolinhos descritos por Shapiro, o qual é deliberadamente replicado por Mary Burgan (secretária-geral da Associação Americana de Professores Universitários) e por Linda Brodkey (Professora da UCSD).

Ben Shapiro ressalta o pensamento que rema solitariamente ao contrário disso, no barco de docentes como Heather K. Gerken (Professora adjunta na Universidade de Harvard). Diz-nos ela: “É bem improvável que os alunos recebam uma visão de mundo equilibrada” (Shapiro, 2020, p. 18). Mas, qual seria a razão de a Profa. Gerken ser, digamos, tão enfática na sua decepção?

Isto se deveria a postulados absurdos, tais como o que preconiza o Professor da mesma Harvard, Orlando Patterson: “Acredito ser importante enfatizar que não há absolutos em nossos preceitos morais” (Shapiro, 2020, p. 21). E, de tão incríveis, os desdobramentos desse relativismo ético e moral, chega a esse ponto no nível de ataques aos limites do humanamente razoável:

O professor Peter Singer, da Universidade de Princeton, defende o assassinato de recém-nascidos deficientes. O jornal New York Times diz: “Para Singer, o recém-nascido não tem mais direito à vida que qualquer outro ser de racionalidade e capacidade de sentir semelhantes, incluindo porcos, vacas e cachorros” (Shapiro, 2020, p. 22).

Aliam-se ao contexto de relativizações tão bizarras quanto esta, o professor Stanley Fish (Universidade de Illinois, Chicago), o qual acredita que o relativismo moral durará para sempre, visto que comparar porcos e vacas a seres humanos é outro modo de se pensar seriamente o mundo.

Outro pensador de mesma índole, é o professor Paul Ehrlich, catedrático da Universidade de Stanford. Em 1968, Ehrlich publicou um livro, de nome *The Population Bomb*. Nele, seu autor pontuou que, “já que a batalha para alimentar toda a humanidade estaria perdida” e a fome devastaria o Planeta, já a partir de 1970, a solução seria a promoção de um controle populacional artificial, equilibrando a taxa de natalidade com a de mortalidade – como

não é difícil de notar, a fome não dizimou a humanidade e, de lá para cá, a população mundial mais que duplicou e, mesmo assim, menos pessoas passam fome hoje, do que em 1970.

Permitam-me uma breve digressão. Devo confessar que passei minha vida votando em partidos e candidatos da esquerda política. Entretanto, depois de uma série de desencontros (eufemismo barato para ‘não aguento mais a ladroagem explícita’), comecei a repensar meus fundamentos. Foi assim que, nas eleições presidenciais, na qual se elegeram uma multidão de candidatos conservadores e de oportunistas de ‘direita’ aqui no Brasil, me interessei pelas pautas defendidas por um *outsider*, de nome Jair Bolsonaro que, depois de ter quase sido morto, acabou mesmo é sendo preso – o que, de certo modo, consolida o atentado de 2018.

Ele, Bolsonaro, se elegeu Presidente da República e, apesar de intenso bombardeio da grande mídia, da oposição, do STF (Supremo Tribunal Federal), de ativistas como Greta Thunberg e Leonardo di Caprio, do Presidente da França Macron e do Prefeito de Nova York, conseguiu levar seu mandato ao quarto e último ano, em 2022.

Shapiro lembra que “os poucos professores conservadores [que existem, acreditem, eles estão por aí] são incapazes de “sair do armário”, por medo de retaliação por parte dos colegas e da administração da universidade”, ou mesmo por receio de sofrer algum tipo de *bullying*, tal como se descreve a seguir. Será?

Os conservadores são igualmente estúpidos. Um estudo feito por Jack Glaser e Frank Sulloway, da Universidade da Califórnia, em Berkeley; John Jost, da Universidade de Stanford; e, Arie Kruglanski, da Universidade de Maryland, em College Park, detalhou o pensamento conservador. De acordo com os pesquisadores, a base do conservadorismo é a tolerância à desigualdade e a resistência a mudanças; alguns fatores psicológicos associados com o conservadorismo são o dogmatismo, intolerância à diversidade, medo e agressão, evitar riscos, necessidade de fechamento cognitivo e gestão do terror. Em resumo, **os conservadores são deficientes mentais**. Os autores afirmaram que os conservadores por todo o país compartilham as qualidades mencionadas acima, colocando Ronald Reagan e Rush Limbaugh em paralelo com Hitler e Mussolini. Não só isso: eles se esforçam por rotular Stalin, Khrushchev e Fidel Castro como “conservadores” (Shapiro, 2020, p. 41).

E eu compreendo bem isso. Deus me livre pegar essa doença, aí, de ‘conservadorismo’. Chiste à parte, foi neste contexto que, passando pela porta de minha sala de permanência na Universidade do Estado de Minas Gerais, onde leciono, que um colega docente colocou a cabeça para dentro da porta do meu gabinete e disse, olhando para mim e para outro professor que conversava comigo naquele momento: “vem, vamos embora, ele (aludindo a mim), é um bolsominion”.

Este mesmo professor, tempos depois, apontou o dedo em riste pra mim, no meio da rua, no centro da cidade, e bradou: “Eu pensei que você fosse mais inteligente que isso!”.

Isso não é nada: Gado, nazista, fascista, genocida, homofóbico, verde-amarelista, bolsominion, burro, são alguns dos designativos, normalmente ditos em tom pejorativo, para fazer referência a Bolsonaro e aos que nele votaram – mais ou menos, metade do colégio eleitoral brasileiro, em 2022. Por isso, qualquer semelhança não é mera coincidência: “Dentro

da universidade, qualquer um que ouse amar os EUA é criticado como um “agita-bandeira”: um palhaço racista patriota que acredita no imperialismo americano. O patriotismo é considerado símbolo de estupidez” (Shapiro, 2020, p. 158):

O professor Robert Maranto, da Universidade Villanova [...] cita o caso de um sociólogo que deixou o meio acadêmico depois de tornar-se um conservador: “Quando decidi passar para o lado dos republicanos, o alvoroço tomou conta. Foi como se eu tivesse me transformado num molestador de crianças. Ninguém quer ficar onde todos odeiam você” (Shapiro, 2020, p. 28).

É curiosa a aversão que o aparato universitário ostenta ao governo Bolsonaro. Tão interessante é perceber que o ambiente universitário brasileiro e norte-americano se parece com uma gigantesca maternidade, lotada de bebês chorões, reclamando o leite que periodicamente deveria milagrosamente aparecer em suas bocas em forma de aumento salarial, de bolsas disso e daquilo, de verba pública para tais e quais coisas etc.

Desde o primeiro até o último dia de seu mandato, foram protocolados mais de 200 pedidos de *impeachment* contra Bolsonaro. O nosso STF virou o maior partido de oposição instalado na Praça dos Três Poderes, em Brasília, e, mesmo assim, o livre mercado nunca teve tão bons resultados como os registrados, mesmo em meio à Pandemia:

Para os democratas, a sociedade deveria ter por objetivo garantir “justiça social” – ideia abstrata que soa legal e se resume em intervenção governamental. [...] Muitos professores acreditam que o livre mercado se esquece dos pequenos indivíduos [...]. Esses docentes dizem que cabe ao governo entrar em cena para, com seus vários programas sociais, proteger o seu José e a dona Maria. [...] Esses professores amam sistemas de bem-estar social paternalistas, caros e inúteis, os mesmos que mantêm altos índices de gravidez na adolescência, baixas perspectivas de ética trabalhista e a certeza de pesados impostos sobre a classe de alta renda (Shapiro, 2020, p. 36).

Talvez isso, no Brasil, se justaponha perfeitamente ao que acontece com a sensibilidade política distorcida dos Democratas na política e na academia, nos EUA. Talvez o mundo não seja mais tão pequeno, e nem seja a vida, um fato consumado. Eu quero inventar meu próprio pecado, e morrer do meu próprio veneno.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Gary & ABRAHAM, Larry. **Política, ideologia e conspirações** – a sujeira por trás das ideias que dominam o mundo. Barueri / SP: Faro, 2021.

CHESTERTON, G. K. **O que há de errado com o mundo**. Campinas / SP: Ecclesiae, 2013.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais** – os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2022.

FISHER, Max. **A máquina do caos** – como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FIUZA, Guilherme. **Fake Brazil** – a epidemia de falsas verdades. São Paulo: Faro, 2021.

HICKS, Stephen R. C. **Guerra cultural** – como o pós-modernismo criou uma narrativa de desconstrução do ocidente. São Paulo: Faro, 2021.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MATRHIEZ, Albert. **As origens dos cultos revolucionários**. São Paulo: Faro, 2021.

MATTE, Isabela. **O jovem digital** – repensando o presente, moldando o futuro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2023.

SHAPIRO, Ben. **Lavagem cerebral** – como as universidades doutrina a juventude. São Paulo: Trinitas, 2020.

SCHWAB, Klaus & MALLERET, Thierry. **COVID-19** – o grande reset. Campinas / SP: Vide, 2023.

SOWELL, Thomas. **Ação afirmativa ao redor do mundo** – estudo empírico. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004.